

amadora de *Outros Tempos*

Por Alves Silva

A VITÓRIA DO POVO PORCALHOTENSE CONTRA O FIDALGO DO BOSQUE

A vivenda do Bosque era uma grande casa e bonita reconstrução do velho Portugal, com um jardim de muito arvoredado, um portão de ferro, uma cerca murada, encostada à qual, na parte interior do palacete, estava uma capela, erigida a Santo António. Uma boa nascente de água vinda da serra de Camaxide, com uma fonte (a fonte da Carranca) abastecia toda a propriedade. Teria sido fundada, ainda no século XVII, por João de Sousa Mexia, estribeiro-menor do rei, daí o nome inicial de "quinta do estribeiro", com muita criadagem, escravos vindos do palácio real e com capelão privativo, bem como um professor para o ensino da gente nova desta família. Na frente da entrada principal o timbre dos galvões, com água de negro, nascente, como uma costa de prata no bico. Situava-se junto à Estrada Real, depois Ruas Elias Garcia, e aquele espaço acabou por dar o nome ao ainda hoje conhecido "Bairro do Bosque".

Foram muitos os descendentes deste fidalgo, como Lourenço Anastácio Mexia Galvão, falecido em 1796, também estribeiro de D. Maria I, fidalgo da casa real e escritor. Uma legião de criados fez sempre parte desta casa, da qual já nada existe.

Vamos, no entanto, situar este escrito em meados do século XIX. Ali vivia a família de Nuno Tomás de Mascarenhas Galvão Mexia de Moura Telles e Albuquerque, com sua mulher Maria da Purificação de Sá Ferreira e seus filhos Nuno, Matilde e Libânia. A casa dos fidalgos da quinta do Bosque ficava instalada na Estrada Real, onde os ascendentes de Nuno foram estribeiros-menores do rei e também comendadores.

Por volta de 1850, de um cavalo branco, de fartas crinas, ferindo o empedrado com as ferraduras, apeou-se o fidalgo, de colete escuro e chapéu negro, apeou-se já depois do portão e não reparou no velho escravo, Aníbal Enes, como raramente reparava. O servo ajudou o fidalgo a pular e ouviu-se o tilintar das esporas a baterem no rectângulo de pedra a servir de apoio para montar e desmontar. A chegada do fidalgo era sempre notada, os cães da quinta não deixavam de dar o sinal. Era um homem austero e feio a desmontar de um cavalo bonito. Um outro escravo correu a abrir a porta principal para o interior da vivenda e agarrou-lhe no capote para o pousar sobre uma cadeira de couro existente logo à entrada da sala, enquanto outro escravo conduzia o cavalo para a cavalariça, localizada mais abaixo e onde, na parte exterior, já na estrada real, estavam paralisadas por embargo as obras de construção do chafariz, mesmo encostadas à propriedade da família Mexia Galvão.

O fidalgo sentou-se numa mesa de pau brasil, onde já estava a esposa e a filha Libânia, esta com cinco anos de idade, os outros irmãos brincavam no jardim. Batia com as mãos nas coxas, não vinha bem disposto e o seu semblante era carregado. Um abraço da mulher e um beijo sonoro na testa não mudaram a fisionomia do fidalgo. A sala era um bonito aposento, com cadeirões forrados a damasco, duas varandas sobre o bosque e das quais se avistava uma boa parte da parte alta das terras da Venteira e da Reboleira.

O fidalgo enrolou um cigarro, reclamou a conversa do dia anterior para informar da disputa com os moradores sobre a construção do chafariz. Dias antes, havia agarrado numa espingarda e veio o regedor com cabos. O assunto subiu a tribunal.

Contou à família como estava o caso e entre um copo de vinho do Porto, abanou a cabeça para dizer a respeito dos moradores: "gente impura, devassa, canalha", disse isto com voz gorda, papuda e a luneta a cair-lhe dos olhos.

"Gente insolente! Que vão para o Inferno! Não vão ter o chafariz, ou se o quiserem terá de ser noutra "lado". Beliscava as barbas ante tais rancores

verbais, "tão certo como eu ser Mexia, filho de meu pai Mexia! ou mesmo dos Galvões!". O fidalgo quebrou o copo de cristal na fúria com que pronunciou estas palavras, vindo logo uma criada apanhar os cacos e limpar a mesa.

A impugnação pedida à câmara de Lisboa remontava à data de 06 de Setembro de 1849, dando razão aos moradores, mas o fidalgo não desarmou e logo em 19 do mesmo mês pediu um embargo judicial, na 5.ª Vara de Direito.

O escudeiro pediu licença para entrar com novidades. "Na Porcalhota não se fala noutra coisa, mas muito mal contra V. Exa." A população, disse, fazia intenção de não o arredar nem um milímetro do sítio onde estava a ser levantado o chafariz. O fidalgo encheu outro copo, desta vez com água: "Ah! rica água!" e apressou-se a limpar com um lenço vermelho o suor que lhe ia pela cara. "Cumpris as ordens de V. Exa., disse o escudeiro, as coisas não andam lá muito bem e as pessoas olham-nos com rancor... depois da vistoria solicitada pelo tribunal em 12 de Março deste ano de 1850", concluiu.

- Bem, respondeu o fidalgo, o último a rir-se - Infames!

O fidalgo, completamente fora de si, levantou-se e foi a uma das janelas do palacete, da qual se vislumbravam dois moinhos lá no alto da Venteira, e ripou uma folha da velha árvore a tocar na varanda, coçando com algum embaraço o queixo e esperando por notícias mais concludentes, pois estava, nesse dia, reunido o tribunal cuja decisão era aguardada.

Um mensageiro, vindo de Lisboa, curvou-se, reverente, para o fidalgo, que já tinha junto dele o padre capelão e o resultado da impugnação vinha numa carta fechada, datada de 26 de Junho, desse mesmo dia, em que vinha o acórdão do tribunal, reunido há poucas horas.

A sentença vinha dar razão aos moradores, tendo logo nesse dia recomeçado os trabalhos do chafariz da Porcalhota.

O fidalgo nem queria crer, e mandou o capelão ler de novo o documento. Estava confirmado, nada havia a fazer.

- Oh!, ingrátissima gentalha, ainda ontem dei cem mil réis para a festa da Senhora da Lapa, disse o fidalgo, batendo, com algum desalento, nas gordas costas do capelão. "Malvada gente, malvado tribunal", já não se respeita a linhagem fidalga. Miseráveis... concluiu com a cara avermelhada.

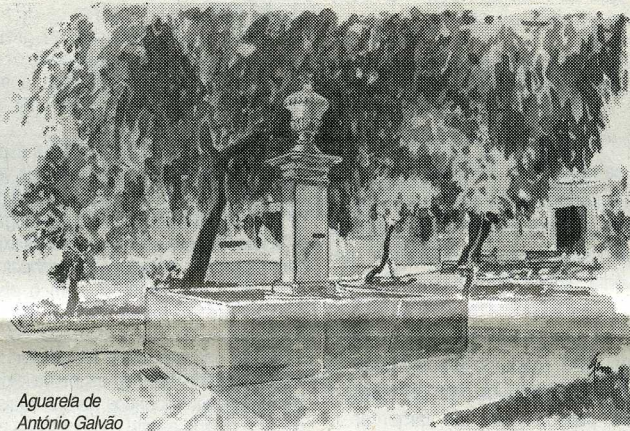
A primeira água do chafariz da Porcalhota correu ao meio dia e vinte e cinco minutos do dia 29 de Outubro de 1850, hora e dia da inauguração com toda a gente dos lugares, foguetes e a presença do Mestre Geral das Águas Livres, do Fiel do Partido destes sítios e outras entidades oficiais. Na base um bom tanque para o gado beber e na

coluna, por cima, o dístico: C.M. 1850.

Os residentes, bons saloios, mobilizaram-se, como já se haviam mobilizado cem anos antes para a construção da ermida da Falagueira (1759), contribuíram com pedra e mão de obra para a construção. Uns meses, fizeram um tanque para as lavadeiras, com os sobejos da água do chafariz e viram-se reembolsados com o dinheiro gasto no tribunal, cujas custas foram suportadas pelo fidalgo, conforme determinava o processo.

Foguetório, alguns barris de vinho, até uma banda marcial veio tocar nesse memorável dia da inauguração do chafariz da Porcalhota.

Está hoje localizado noutra sítio, em frente à junta de Freguesia da Falagueira, mas já desactivado e sendo apenas um símbolo, cuja idade é agora de 150 anos, completados em 29 de Outubro findo.



Aquarela de
António Galvão